

Rogério Fernandes e a Censura

Daniel Pires

Centro de Estudos Bocagianos

Com o falecimento do professor Rogério Fernandes, o tecido cultural português sofreu uma dolorosa amputação.

O seu tirocínio de escrita ocorreu em 1954, quando um grupo de estudantes de uma turma do sétimo ano do Liceu D. João de Castro decidiu fundar uma revista cultural. Na *Anteu* também colaboraram, entre outros, António Osório, Pedro Tamen, Cristóvam Pavia e João Palma-Ferreira. Da intervenção de Rogério Fernandes ressumam claras influências do racionalismo de António Sérgio, ensaísta que publicara, pouco antes, as *Cartas de Problemática* e que, por esta época, se envolveu em acesa polémica com António José Saraiva, então marxista convicto. Nos dois números publicados do mencionado periódico, Rogério Fernandes subscreveu “Presença de Pascal”, “Problemática do Conhecimento”, uma análise da teoria gnoseológica de António Sérgio, e uma crítica a um romance de Manuel de Lima, “Malaquias, a História de um Homem Barbaramente Agredido”.

Licenciado em Histórico-Filosóficas, Rogério Fernandes distinguiu-se como historiador da educação portuguesa, ombreando, nesse domínio, com intelectuais da craveira de António Sérgio, Rómulo de Carvalho, Rui Grácio e António Nóvoa.

Legou-nos uma obra extensíssima, parcialmente coligida, no ano de 2004, por Margarida Louro Felgueiras e Maria Cristina Meneses, em *Questionar a Sociedade, Interrogar a História, (Re) Pensar a Educação*.

O labor intelectual de Rogério Fernandes, no domínio da história da educação, reflectiu-se na elaboração de ensaios versando múltiplos assuntos, entre os quais destacamos os seguintes:

- a obra de educadores portugueses de nomeada, designadamente D. Duarte, Mouzinho de Albuquerque, Adolfo Coelho, Bernardino Machado, João de Barros, Carvalhão Duarte, Faria de Vasconcelos, António Sérgio e Rui Grácio;
- a pedagogia e os seus reflexos na obra de escritores que marcaram uma época, como Bocage e Trindade Coelho;
- as ideias pedagógicas do Renascimento, tema que, em Portugal, se encontrava pouco estudado e que é de primordial importância;
- a história do sistema educativo português, equacionando também as linhas-de-força vigentes no Brasil colonial, nomeadamente nos séculos XVIII e XIX;
- a educação de adultos sob um ponto de vista diacrónico;
- o estatuto da infância, com particular incidência no século XIX (recorde-se que planeava, à data do seu falecimento, a elaboração de um “Guia da História da Infância em Portugal”);
- a instrução, nas suas múltiplas facetas, durante a Primeira República;
- a problemática da inovação nos mais diversificados sectores, como condição *sine qua non* para se efectivarem reformas profícuas;
- a teorização da história da educação, um conjunto de reflexões que se revelaram úberes na análise crítica do passado pedagógico nacional e um marco miliar para os investigadores actuais e vindouros;
- a problematização do papel de um Museu da Educação na actualidade. Releve-se a sua empatia no que concerne particularmente à implementação, que se perfila para breve, em Setúbal, por parte do Centro de Estudos Bocagianos, de uma instituição daquele jaez.

Na década de sessenta, Rogério Fernandes destacou-se ao leme da *Seara Nova*, periódico que deu rosto a várias gerações de republicanos. Em primeiro lugar, coadjuvando Augusto Casi-

miro, na sequência do falecimento, em 1961, durante a campanha eleitoral, de Luís da Câmara Reis; mais tarde, a partir de Novembro de 1967, como director.

Rogério Fernandes, em entrevista ao *Diário Lisboa*¹, evocava da seguinte forma as afinidades dos seareiros de então:

Se não estou enganado, o que nos unia a todos, sob o ponto de vista político, poderá definir-se por três direcções fundamentais: 1º Recusa frontal do fascismo e do colonialismo, problema que começa a dividir a oposição a partir de 1961; 2º A recusa do republicanismo da Primeira República enquanto forma e ideal de organização da sociedade e do Estado, e também como “estilo” de intervenção na vida pública (embora não caíssemos na esparrela de repudiar a Primeira República para branquear o salazarismo, éramos sensíveis, todos ou quase todos, às críticas de Sérgio e de Proença ao período entre 1910-1926; 3º A opção por um socialismo que, transformando revolucionariamente as estruturas sociais no sentido da igualdade e da justiça, mantivesse todas as possibilidades de intervenção democrática.

Este último traço do nosso ideário permitia-nos, em princípio, o entendimento com os últimos representantes do republicanismo, com os homens do Directório², ao passo que o primeiro nos possibilitava o diálogo, dentro e fora da *Seara*, com os homens mais ligados ao Partido Comunista.

Tal como aconteceu, entre muitos outros, com intelectuais da craveira de António José Saraiva, Vitorino Magalhães Godinho, Ruy Luís Gomes, Mário de Azevedo Gomes e Bento de Jesus Caraça, Rogério Fernandes viu-se condenado ao ostracismo, vivendo então de explicações, do jornalismo – foi redactor de *A Capital* – e de traduções de autores como Bertrand Russell, Aldous Huxley, Mircea Eliade, Jean-Jacques Rousseau e Marat.

Na sequência do 25 de Abril, a sua investigação foi acompanhada por uma *praxis* que se revelou vital para a aplicação de uma política educativa direccionada para o desenvolvimento multimodal da personalidade e para a consciência dos Direitos Humanos. Neste contexto, foi, de 1974 a 1976, a convite do Ministro da Educação, Vitorino Magalhães Godinho, director-geral do Ensino Básico. Seguiu-se uma passagem pelo Parlamento, em representação do Partido Comunista Português, na qual fez propostas em prol da materialização de um sistema de ensino de carácter humanista.

A sua carreira de docente na Faculdade de Psicologia revelou a sua lata competência científica, a sua invulgar capacidade comunicativa e a sua motivação para a transmissão de conhecimentos, atributos assinalados reiteradamente pelos estudantes, mestrandos e doutorandos que acompanhou. Relevem-se, por outro lado, os seus esforços no sentido de fundar um museu da educação no Porto, iniciativa que se gorou devido à insensibilidade institucional, a sua actividade organizativa fulcral para a realização, em 1996, do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação e o dinamismo que imprimiu à revista *O Professor* no período em que foi seu director, cargo que assumiu em Março de 1985. Enfatize-se ainda a sua versatilidade, que lhe permitiu escrever um romance, intitulado *Três Tiros e uma Mortalha* (1969).

A obra e a personalidade de Rogério Fernandes evocam uma máxima de Terêncio: “Tudo o que é humano me toca profundamente”. Homenageamo-lo aqui, reproduzindo correspondência inédita sua, dirigida a Augusto Casimiro, sobre as vicissitudes, no domínio do exercício da expressão do pensamento, vivenciadas pela *Seara Nova*. Constam do espólio daquele poeta e democrata, o qual está depositado, com a cota D 5, no departamento de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa.

¹“Mais do que uma Revista” in *Diário de Lisboa*, 2 Abr. 1990.

²O Directório Democrático-Social, fundado em meados da década de 50, que incluía alguns históricos como António Sérgio, Jaime Cortesão e Mário de Azevedo Gomes, apoiou, em 1958, a candidatura à Presidência da República de Humberto Delgado.



Transcrição das cartas de Rogério Fernandes

I

Lisboa, 7 de Novembro de 1963

Caro Capitão Augusto Casimiro³

Desculpe-me o atraso com que agradeço os magníficos poemas que teve a amabilidade de me oferecer. A *plaquette* editada pelo Rotary Clube de Amaranthe é muito elegante e digna da mensagem que através dela se exprime. Mais uma vez obrigado.

Recebi igualmente o excelente artigo do Henrique de Barros. Também me parece conveniente publicá-lo no próximo número⁴.

Acontece, porém, que nós temos aqui colaboração muito atrasada, do Alexandre Pinheiro Torres⁵ e do Óscar Lopes⁶, dois longos artigos que nos foram remetidos em Setembro. A redacção foi de parecer que, a despeito do grande interesse de que reveste, sob todos os pontos de vista, a colaboração do Professor Henrique de Barros, deveríamos incluí-la em Janeiro, e não em Dezembro, a fim de podermos dar vazão à colaboração em atraso. Concorda?

Não sei quando virá a Lisboa. Neste fim-de-semana terei de ir a Leiria buscar minha Mãe, que lá se encontra em casa de uma irmã. E para o fim-de-semana seguinte? Terei o prazer de o ver?

Foram presos o Alexandre Cabral, o Alves Redol e um redactor da nossa *Seara*: Alberto Ferreira. Ignoram-se as causas da prisão, que se verificou, aliás, há oito dias.

Desculpe-me o desalinhado destas linhas e receba o bom abraço de seu companheiro que muito o admira e estima

Rogério Fernandes

PS – Não quer dar-nos elementos para uma notícia sobre a homenagem que lhe foi prestada na sua Terra natal? Data, constituição da comissão, local, etc.

II

Caro Amigo⁷,

Apresso-me a remeter-lhe duas pequenas amostras do que a Censura está a fazer-nos. Uma cartinha ao *super*⁸, pois que a censura depende da Presidência, talvez não fosse mau.

Eu já apresentei dois protestos escritos à Censura durante este mês. Mas receio que o meu caro Amigo tenha de avançar até à trincheira.

Um abraço do

Rogério Fernandes

Os cortes deste número ascendem a mais de meia revista, sem exagero.

III

Lisboa, 12 de Julho de 1965

Meu caro Capitão e Amigo,

Desculpe-me o atraso com que respondo à sua carta e ao seu postal. Creia que só por me ser de todo em todo impossível escrever é que não reatei o contacto epistolar há mais tempo.

Antes de mais: a sua saúde? Melhor? Estimo que continue a resistir – heroicamente – às partidas do seu coração (mal haja quem bem não cuide...).

Tem inteira razão nos generosos reparos que me fez acerca da nota sobre o Cabeçadas⁹. Na verdade, exagerei um tanto. As transcrições do C. L.¹⁰ foram feitas pelo facto de ele ter sido a única pessoa que discursou.

³Augusto Casimiro dos Santos (S. Gonçalo, Amarante, 1889 - Lisboa, 1967), cultivou a poesia, a escrita memorialista, o ensaio e a tradução.

Esteve vinculado à Renascença Portuguesa, movimento que tinha como desiderato a reforma da mentalidade nacional. Combateu na Flandres, durante a I Guerra Mundial. Esteve presente, em Abril de 1921, na reunião preparatória da criação da *Seara Nova*, revista que constituiu uma matriz intelectual e cívica para várias gerações de portugueses. Neste contexto, foi um opositor tenaz ao Estado Novo, tendo participado em várias conspirações contra o poder vigente, no Movimento de Unidade Democrática e nas campanhas eleitorais de Norton de Matos e de Humberto Delgado.

Entre outras, foi autor das seguintes obras: *Nas Trincheiras da Flandres* (1918), *Sidónio Pais: algumas notas sobre a intervenção de Portugal na Grande Guerra* (1919), *Naulila* (1922), *Cartilha Colonial* (1936) e *S. Francisco Xavier e os Portugueses* (1954). Traduziu textos de Cervantes, Ribera y Rovira, Tagore, Pearl Buck e de Rudyard Kipling.

⁴“Aspectos Actuais da Evolução do Cooperativismo Agrícola” in *Seara Nova* n.º 1418, (Dez. 1963).

⁵A Tetralogia da Gândara de Carlos de Oliveira (Algumas Sondagens para um Estudo)”, *ibidem*.

⁶“A Infância e a Adolescência na Ficção Portuguesa”, *ibidem*.

⁷Carta sem data, que apresenta o timbre da *Seara Nova*.

⁸Oliveira Salazar, obviamente, então Presidente do Conselho.

⁹Texto publicado aquando do falecimento do almirante Mendes Cabeçadas, publicado na *Seara Nova* n.º 1437, (Jul. 1965).

¹⁰Cunha Leal (1888-1970), político que chefiou um dos governos na fase final da República. Embora tenha apoiado o 28 de Maio, fez parte das hostes oposicionistas ao Estado Novo.

¹¹Alexandre Oparine, autor do texto “O Problema da Origem da Vida”, publicado na *Seara Nova* n.º 1437, (Jul. 1965).

Quanto ao Oparine¹¹, reconheço que o artigo é muito extenso. Mas não tínhamos material em quantidade suficiente para preencher as 32 páginas da revista! A Censura cortou mais do que é habitual e vi-me aflito para poder dar a revista completa para a tipografia. Estamos experimentando a mesma dificuldade em relação ao próximo número.

Na próxima *Seara* conto que publiquemos um poema de Miguel Torga¹², a nosso pedido. Veremos se a Censura a deixa passar. A “severidade” agravou-se extraordinariamente!

Quanto ao artigo do Dória, lastimo dizer-lhe que a redacção o considera impublicável. É demasiado extenso, e tem umas afirmações que não quadriam bem na *Seara*. Além de que está bastante mal escrito. Mas entendam-nos: *se o caso é para si desagradável, o meu caro Director devolve-me de novo o artigo, com o seu imprimatur, e publica-se*. A casa não fica por isso arruinada! Com uns ligeiros retoques (se o Autor não se abespinha!) poderia publicar-se, apesar da enorme extensão.

Quanto ao atraso na resposta pode o meu caro director e Amigo invocar, sem falsidade, a natural morosidade com que decorrem os trabalhos redactoriais.

Gostaria de o ver. Em breve sigo para a Costa¹³ no fim do mês. E desta vez não deixarei de lhe bater ao ferrolho.

Até breve, portanto; um grande abraço do

Rogério Fernandes

PS – O seu “Diário Imperfeito”¹⁴ é uma bela resposta. A Censura está a *roer* o assunto. Veremos o que dá.

¹²“Ambição”, in *Seara Nova* n.º 1438, (Ago. 1965).

¹³Costa da Caparica, onde Augusto Casimiro residia.

¹⁴Rubrica mantida na *Seara Nova*, ao longo da década de sessenta, por Augusto Casimiro.

¹⁵Cartão com o timbre da *Seara Nova*. Não apresenta data.

IV

Caro Capitão Casimiro¹⁵:

É com desgosto que lhe remeto as provas da Censura do seu “Diário Imperfeito”. Julgo que o tenham inutilizado. Alguns dos cortes chegam mesmo a deturpar o sentido daquilo que escreveu. Mas o meu querido Amigo decidirá.

Receba um abraço de contristada solidariedade do seu

Rogério Fernandes ▼